

Livros



OS SILÊNCIOS DA GUERRA COLONIAL

Autora: Sara Primo Roque

Edição: Edições Pasárgada, Lisboa, Novembro 2017

Esta obra é uma análise diferente da guerra que os militares portugueses enfrentaram nos teatros de Angola, Moçambique e Guiné durante 13 anos. O objetivo da autora foi dar um contributo para a “desocultação” ou para a quebra dos “silêncios” impostos aos combatentes por vários fatores. “Esta obra pretende contribuir para a ‘reconstrução’ da memória do nosso país e para que o período entre 1961 e 1974 seja cada vez mais uma referência histórica e para que as histórias de vida, de cada ator social, reescrevam a História e a memória coletiva”. (pg 14).

E que “silêncios” são esses que têm impedido a “construção” dessa memória coletiva? O maior fator deste silenciar da guerra foi imposto pelo regime do Estado Novo que “procurou através de estratégias discursivas e de uma forte teia censória virtualizar um país e silenciar uma Guerra; com isto legitimava e sustentava os seus interesses políticos e ideológicos.” (pg 11). Este controlo censório era imposto, sobretudo e às claras, aos meios da comunicação social para que a sociedade portuguesa vivesse na ignorância da realidade do que se passava nas frentes de combate. O peso deste controlo era tal que os próprios combatentes, num exercício de autocensura, se coíbiavam de contar às famílias os maus bocados que passavam, mesmo depois do seu regresso. Porque, por um lado, não as queriam afligir; por outro, porque sabiam que as suas cartas podiam ser abertas e submetidas ao crivo da censura.

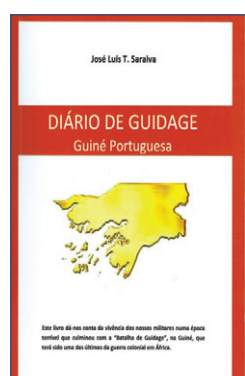
Sara Roque considera que, mesmo depois de terminada a guerra, “procurou-se dar continuidade a uma cultura de silêncio, ou seja, silenciaram-se as suas consequências na sociedade, talvez por forma a facilitar a transição, se tenha preferido silenciar a memória daqueles que a viveram, direta ou indiretamente, remetendo-os para um silêncio profundo”.

Para desocultar “os silêncios da guerra colonial”, a autora desenvolveu um longo e paciente trabalho de campo realizando inúmeras entrevistas a antigos combatentes: “... foi através das histórias de vida daqueles que viveram os piores teatros da guerra em África, que me foi possível conceptualizar e interpretar, na esfera pública, a ver-

Por José Diniz

balização de acontecimentos violentos; mas também de todos os acontecimentos que marcaram a sociedade portuguesa entre 1961 e 1974.” (pg 13). Em quase todas as páginas o texto é enriquecido por transcrições dos testemunhos recolhidos.

Sara Roque contou com uma colaboração estreita da ADFA para levar a cabo este trabalho. Como reconhecimento disso fez questão que a apresentação pública do seu livro fosse feita na Sede Nacional da Associação, o que aconteceu no dia 09 de Novembro, como foi anunciado nesta mesma página na edição de Setembro/Outubro.



DIÁRIO DE GUIDAGE - GUINÉ PORTUGUESA

Autor e editor: José Luís Tavares Saraiva
Guarda, Março 2017

Guidage é o nome de uma povoação do norte da Guiné, mesmo em cima da linha de fronteira com o Senegal. A guarnição militar que lá se encontrava em Maio de 1973 (CCaç 19) passou por uma das situações mais terríveis da Guerra Colonial. O PAIGC - movimento guerrilheiro que lutava pela independência daquele território - lançou uma forte ofensiva contra este aquartelamento logrando mesmo cercá-lo e isolá-lo, impedindo durante um longo período, mais de um mês, que fosse socorrido por terra ou pelo ar. Em simultâneo, a guarnição de Guilege, situada no extremo sul, junto à fronteira com a Guiné-Conacri, sofre também uma forte ofensiva de tal modo violenta e certa que obriga a Unidade Militar que lá se encontrava a retirar para Gadamael.

É sobre a Batalha de Guidage que trata este livro. O autor, que era o furriel enfermeiro da CCaç 19, viveu aqueles terríveis acontecimentos. Apesar do trabalho que teve em socorrer os feridos, ainda teve a serenidade suficiente de escrever um diário que abrange parte daqueles dias terríveis. Com base nestas memórias escritas reconstitui aquele episódio de guerra, passados que são 44 anos.

O Coronel Paraquedista José de Moura Calheiros, que na altura estava em comissão na Guiné e viveu de perto esta situação, escreve assim no prefácio: “Ao longo de toda a obra o Autor não só nos descreve algumas das situações que se viveram em Guidage ao longo do assédio, como o faz por forma a que

sempre transparecem os sentimentos que invadiam os combatentes em cada circunstância: o cansaço, o medo, a angústia, as alegrias, a dor, o sofrimento, a saudade, a solidariedade, o instinto de sobrevivência e tantos outros...” (pg 12).

Só na madrugada e manhã do dia 08 de Maio de 1973, o “dia do princípio” como diz o autor, Guidage sofreu cinco ataques, o último dos quais “ao arame”: “Estava a ser uma manhã negra para a história de Guidage. Tão negra que, passados cerca de vinte minutos, eis que rebenta novo ataque, desta vez com armas ligeiras ao arame. Os turras aproximavam-se temerariamente do arame do quartel, muitas vezes de peito descoberto. Parecia não nos quererem largar e estourar mesmo conosco!”. (pg 99). O furriel miliciano enfermeiro José Saraiva foi o autor do croquis do cemitério improvisado onde foram

enterrados os mortos do cerco a Guidage, entre os quais três paraquedistas. Este documento veio a ser um elemento precioso para a localização das sepulturas na missão de resgate dos restos mortais daqueles militares, liderada pela Liga dos Combatentes, em 2008, passados 35 anos. O Cor Moura Calheiros, que comandara uma das operações de socorro a Guidage, foi um dos componentes dessa missão. Este regresso à Guiné fê-lo reviver esses terríveis dias e as comissões que já cumprira em Angola e Moçambique. Desse regresso ao passado nasceu uma dos mais interessantes e completos livros de memórias a que deu o nome de “Última Missão”. À medida que descreve a operação de resgate, Moura Calheiros passa em revista as vivências guerreiras nos vários teatros de operações à frente de tropas paraquedistas.

Associados Falecidos



Samuel Almeida Ferreira, associado 12258, natural da freguesia e concelho de Viseu, residente na freguesia e concelho de Mangualde.

Serviu no RAP 2. Faleceu a 16Ago2017 com 70 anos.



Manuel Gomes Jardim, associado 14343, natural e residente na freguesia de S. Roque do Faial do concelho de Santana. Serviu na CCaç

4912 em Angola. Faleceu a 06Out2017 com 65 anos.



António Tomás Craveiro, associado 6921, natural da freguesia de Espinhal do concelho de Penela, residente na União de freguesias de S. Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal do mesmo concelho. Serviu na CCaç 3345 do BCaç 3831 em Angola. Faleceu a 18Ago2017 com 68 anos.



Filipe Conceição Tavares, associado 971, natural e residente na freguesia de Miragaia do concelho de Porto. Serviu na 38.ª Companhia de Comandos na Guiné. Faleceu a 08

Out2017 com 67 anos.



Manuel Lopes Mendes, associado 13369, natural da freguesia e concelho de Pombal, residente na freguesia de Pelariga do mesmo concelho. Serviu na CCaç 452 do BCaç 455 em Angola. Faleceu a 19Set2017 com 75 anos.



António Augusto Ferreira, associado 1437, natural da freguesia e concelho de Castro Daire, residente na freguesia de Santo André do concelho de Santiago do Cacém. Serviu no Batalhão de Caçadores Paraquedistas 12 na Guiné. Faleceu a 13Out2917 com 70 anos.



Orlando Fonseca Teixeira, associado 5714, natural da freguesia de Ancede do concelho de Baião, residente na freguesia de Gove do mesmo concelho. Serviu na CCaç 1717 em Angola. Faleceu a 30Set2017 com 71 anos.



Francisco Correia Albernaz, associado 14380, natural da freguesia de Fail do concelho de Viseu, residente na freguesia de Tondela e Nandufe do concelho de Tondela. Serviu no BCaç 19 em Moçambique. Faleceu a 06Nov2017 com 73 anos.

NOVOS ASSOCIADOS

Relação dos candidatos a associados efetivos para publicação no Jornal ELO, conforme estipulado no nº 4, do artigo 8º, dos Estatutos

Francelina Gouveia Marques • José Ferreira Neves • José Santos Reis • Américo Ferreira Duarte • Nuno Filipe Esteves Oliveira • Maria Celeste Freitas Gouveia Jardim • Fernando Fernandes Piedade • José Santos Monteiro • António Freitas Gaspar • Carlos Manuel Dias Pires • Donzília Rosa Silva Ferreira • Jorge Filipe Almeida Angélico • José Cruz Martins • Rogério Santos Tirá • Leonel Rosa Porfírio • Amadu Uri Djalo • Maria Aldina Rodrigues Rocha Ferreira • Maria José Moura Durão Valente